



"O sexo explícito nos filmes é limitado", diz Bao Hongwei

Fixe esta palavra: "tongshi". Até meados dos anos 90, queria dizer camarada, em mandarim. Era utilizada no dia-a-dia como forma de tratamento entre chineses e remetia, obviamente, para uma ideia de revolução socialista em cada pessoa e a cada momento. Em 1989, passou a ser utilizada em Hong Kong como sinónimo de *queer* ou homossexual. A ideia partiu do director do festival de cinema gay local e espalhou-se rapidamente até ser adoptada na China continental.

"Esta palavra tem centenas de anos, na era comunista foi usada em sentido revolucionário e só há poucos anos é que adquiriu novo significado", explica o professor universitário Bao Hongwei, que esteve há poucos dias em Lisboa para a conferência "Cinema Queer Chinês Contemporâneo". A conferência decorreu a 6 de Junho e foi organizada pelo professor António Fernando Cascais na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa.

"Há uma carga subversiva nisto, mas não no sentido que se pensa: o objectivo não foi o de colocar em causa a concepção comunista de camarada, mas sim o de criar na língua chinesa uma palavra própria para *queer*, sem necessidade de copiar os termos

## A China também tem cinema "queer"

O professor universitário Bao Hongwei esteve em Lisboa para desfazer alguns mistérios da vida gay chinesa. E explicou que há cada vez mais realizadores a retratar as minorias sexuais. **Bruno Horta** conta-lhe os pormenores. A fotografia é de **Joana Freitas**.

ocidentais", adianta Bao Hongwei, em conversa com a Time Out. "Foi também uma maneira de Hong Kong, na altura sob administração britânica, afirmar a sua diferença em relação ao modelo político chinês."

A nova vida da palavra "tongshi" faz prova de uma mudança de atitude na China em relação às minorias sexuais. E foi isso que levou ao aparecimento de uma vaga de realizadores homossexuais que utilizam o cinema para falar da sua própria realidade. "Como a liberdade de expressão na China é limitada, não é fácil ir para as ruas fazer desfiles ou manifestações a favor dos direitos dos homossexuais. Isso implica, em alternativa, que

haja um investimento dos activistas na criação de produtos culturais", revela.

Bao Hongwei nasceu há 35 anos em Xianyang, uma pequena cidade no Noroeste da China. É professor na Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade de Nottingham Trent, em Inglaterra. Doutorou-se em Estudos de Género pela Universidade de Sidney, em 2010, e há vários anos que estuda o cinema *queer*. "O que me interessa realmente é a identidade gay na China, a minha tese de doutoramento é sobre isso. Durante a pesquisa, cheguei a vários realizadores e até estive envolvido na organização de um festival de cinema gay", recorda. "Acabei

por me apaixonar por este tema."

A homossexualidade foi descriminalizada na China em 1997 e em 2001 deixou de ser considerada uma doença. Neste capítulo tem existido uma aproximação aos valores ocidentais, ao mesmo tempo que se busca uma via original. "A família é muito valorizada pelos gays chineses e a lealdade aos que são do mesmo sangue é um valor forte, o que se opõe ao individualismo dos gays ocidentais", explica.

Pelas suas contas, haverá neste momento dez homens realizadores e três ou quatro mulheres, quase todos na casa dos 20, 30 anos. Cui Zi'en, Shi Tou, Lou Ye, Fan Popo e Wei Jiangang são alguns dos mais